



João Pina de Moraes nasceu em Valdigem, concelho de Lamego, em 6 de Janeiro de 1889, filho de um outro João Pina de Moraes (oriundo de Guiães, Vila Real) e de Rita Olinda de Moraes. O casal teve numerosos filhos, alguns dos quais morreram de doença muito jovens. A família vivia em Quintiã, próximo de Cambres.

Entre 1900 e 1905 frequenta o Colégio Roseira, em Lamego, passando em 1906 para o Liceu Nacional de Viseu, a fim de completar os estudos liceais. Em 1907 alista-se como voluntário no Regimento de Cavalaria 9, de Lamego, com vista a matricular-se na Academia Politécnica do Porto, o que efectivamente vem a acontecer. Aí frequenta os preparatórios para a Escola do Exército na arma de Infantaria. Frequentavam então a Academia alguns alunos que viriam a ser nomes importantes da intelectualidade portuguesa, como Eugénio Aresta e Leonardo Coimbra, os quais viriam a ter grande influência sobre o jovem Pina de Moraes.

Em 1911, Pina de Moraes encontra-se a frequentar a Escola do Exército, em Lisboa, terminando o curso em 1914. A 4 de Novembro do mesmo ano, é promovido a aspirante a oficial e colocado no Regimento de Infantaria 13, de Vila Real.

No jornal A Democracia, de Vila Real, dirigido por José de Carvalho Araújo Júnior, começa a escrever crónicas que lhe deram alguma notoriedade local. Mas estávamos ainda muito longe do escritor vigoroso que se havia de revelar





mais tarde, sobretudo nos livros de contos. De qualquer forma, são as crónicas ali publicadas, a que acrescentou outras, que constituem a matéria do seu primeiro livro, publicado em 1917, intitulado *Ânfora Partida*.

Um dos 18 batalhões que constituíam o Corpo Expedicionário Português era o batalhão de Infantaria 13, de Vila Real, pelo que, a 21 de Abril de 1917, integrado nesse batalhão, partiu de Vila Real, de comboio, com destino a Lisboa, para mais tarde seguir para os palcos da Grande Guerra.

Após a campanha da Flandres, Pina de Morais retomou o serviço no RI 13, mas por pouco tempo, dado que logo a seguir, em Dezembro de 1918, foi transferido para o 3º Grupo de Metralhadoras, no Porto, que lhe permitiu um reatar de relações com os homens da Renascença Portuguesa, sobretudo Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes.

Em 1919, sob o comando do Cap. Sarmento Pimentel, outro trasmontano, participou na defesa do regime republicano contra a incursão monárquica conhecida por Monarquia do Norte. Republicano convicto, teve por essa altura alguma actividade política, tendo sido eleito para a Câmara de Deputados em 1921. Mais tarde participaria no pronunciamento de 3 de Fevereiro de 1927 – que constituiu a primeira manifestação de descontentamento militar e civil contra o regime saído do 28 de Maio de 1926. A partir dessa data pode dizer-se que está em oposição ao novo regime, acabando por exilar-se em Espanha, depois no Brasil e enfim na França.

Regressado a Portugal em 1932, estabeleceu residência na Foz do Douro, Porto, onde faleceu em 29 de Janeiro de 1953, vindo a ser sepultado no cemitério de Cambres.

A passagem pelo teatro de guerra, onde sofreu um severo gaseamento em La Lys, não podia deixar indiferente a sensibilidade de escritor, daí resultando dois livros, *Ao parapeito* (memórias de guerra) e *O soldado-saudade na Guerra Grande* (contos, muitos deles aproveitando a matéria de crónicas anteriormente publicadas no *Primeiro de Janeiro*), que constituem um conjunto de relatos vívidos e emocionantes da experiência das trincheiras. A primeira dessas obras conheceu três edições e foi considerado o melhor livro inspirado pela grande





conflagração mundial. Saiu também em 1930 uma tradução francesa, Au créneau.

Sem embargo da recepção lisonjeira que o livro *Ao parapeito* (1919) obteve, a grande força de Pina de Morais como escritor está nos seus livros de contos: o já citado *O soldado-saudade na Guerra Grande* (1921), *A paixão do maestro* (1922), *História dum urso* (infantil, 1923), *Sangue plebeu* (1942) e *Vidas e sombras* (1949).

De todos estes, é incontestavelmente *Sangue plebeu* a obra-prima. É um conjunto de oito histórias passadas no cenário alto-duriense, uma das quais bastaria para fazer a reputação de um escritor: “No Douro”. É uma história trágica baseada num facto histórico: o Motim de Lamego, ocorrido em 20 de Julho de 1915, em que onze populares foram mortos a tiro, por um destacamento militar, durante uma manifestação. Nessa manifestação, pacífica, uma multidão vinda de todos os pontos do Douro, exigia pão para matar a fome aos filhos e reclamava às autoridades a defesa do vinho do porto, ameaçado por um inadequado acordo comercial com a Inglaterra. Mas o conto é mais do que isso: é também uma espécie de roteiro da região duriense ao longo das quatro estações do ano, apresentado por quem a conhece como às suas próprias mãos. De resto, a defesa do Douro foi uma das grandes causas de Pina de Morais. Este conto é um bom exemplo da sua atitude ética, sempre ao lado dos mais fracos e desprotegidos, em total consonância com os seus ideais republicanos.

Muito ligado à ideologia da Renascença Portuguesa, em que pontificavam nomes como Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra, Raul Proença, António Sérgio e Teixeira de Pascoaes, Pina de Morais deixa-se imbuir de um certo “idealismo de incidência patriótica” e de um certo pendor reformista da mentalidade portuguesa, contra a degenerescência de que dava mostras o regime republicano.

Sangue plebeu, que se encontrava esgotado há muito tempo, foi reeditado, numa feliz iniciativa conjunta da Câmara Municipal de Lamego e do Museu do Douro, em 2003.



* * *

De todos os contistas evocados até ao momento neste ciclo, Pina de Morais é seguramente o que tem uma ligação mais estreita com Vila Real. Basta recordar que aqui viveu quase dois anos e meio, entre Novembro de 1914 e Abril de 1917, colocado na primeira unidade militar em que prestou serviço, o RI 13. De Vila Real sai, em 21 de Abril de 1917, com destino a Lisboa e posteriormente à Flandres, integrado no Estado-Maior do Batalhão do RI 13. Dessa partida deixa uma impressionante descrição no capítulo “Adeus”, de *Ao parapeito*.

Em Vila Real reencontrará alguns dos vultos mais proeminentes da Renascença Portuguesa, com alguns dos quais (como Augusto Martins e Leonardo Coimbra) tivera já contactos durante a frequência da Academia Politécnica do Porto, que eles também frequentavam. Assim, reencontrará Augusto Martins como professor do Liceu de Vila Real e, como o próprio Pina de Morais, colaborador do jornal *A Democracia*. Quanto a Leonardo Coimbra, foi também professor do Liceu de Vila Real, por um período muito curto (entre Setembro e Outubro de 1915) e orador oficial da Festa da Academia no 1º de Dezembro de 1914. Aproveita-se para lembrar que Teixeira de Pascoaes, a sua primeira influência literária, aqui esteve também no 1º de Dezembro de 1913, a divulgar, juntamente com Jaime Cortesão, o ideário da Renascença Portuguesa e que a Universidade Popular criada em Vila Real, obra também do movimento da Renascença Portuguesa, foi instalada no dia 2 de Março de 1914, na Sala de Desenho do Liceu de Vila Real.

Numa crónica intitulada “Vila Real alegre...” e publicada no *Jornal de Notícias* de 16 de Dezembro de 1943, Pina de Morais diz que Vila Real é uma cidade generosa e fraterna. E também “a cidade da ironia” – certamente alusão ao bem conhecido costume dos vila-realenses de aplicarem alcunhas. Escreve ele: “Por ali não passa ninguém que, como os cavalos de raça, não traga na anca o sinete do escudo da cidade. Nunca vi cidade tão impertinente e impiedosa para os nossos defeitos para os marcar a fogo na individualidade de cada um que a vá servir.”

Em Vila Real frequenta um restrito círculo literário e jornalístico – “entre a pequena e escolhida roda de rapazes com quem convivia”, nas palavras do





redactor de O Povo do Norte, de 15 de Abril de 1917, altura em que Pina de Morais parte para a Grande Guerra. É certo que, no que respeita ao jornalismo, Vila Real estava então bem servida com nada menos de oito jornais, dos quais cinco tinham secções literárias. A esse círculo pertenciam também, além de Augusto Martins, já citado, Pedro Serra e Afonso Duarte (também professor do Liceu entre Novembro de 1914 e Agosto de 1915). Este poeta dedica a Pina de Morais, Augusto Martins e Pedro Serra as “Estâncias da Montanha”, uma secção da Rapsódia do Sol-nado seguida do Ritual de Amor (Renascença Portuguesa, 1916). Por seu turno, Pina de Morais faz uma recensão ao livro, n’ A Democracia, assinando com o pseudónimo Jack Oswald. Em Vila Real, deve ter-se relacionado também com vultos como Nuno Simões, Sousa Costa e Afonso de Castro.

Foi em Vila Real que Pina de Morais iniciou a sua vida literária, publicando mais de quarenta artigos n’ A Democracia, alguns assinados com o pseudónimo referido. Alguma desta matéria literária reaparece em Ânfora Partida. Foi também professor de Ginástica do Liceu e, juntamente com alguns outros oficiais do RI 13, abriu, no Palacete Torres, um Curso Geral de Explicação destinado a preparar alunos para a Escola Normal e o Liceu.